

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO DE Angelo Agostini
R. OUVIDOR, 109



Honrando esta pagina com o retrato do maior artista brasileiro, Don Quixote presta devida homenagem ao grande esculptor e a arte nacional.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL	ESTADOS
Anno..... 20\$000	Anno..... 24\$000
Semestre 12\$000	Semestre... 14\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o D. Quixote a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignar-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Aos nossos assignantes, cuja assignatura terminou no fim de Junho, recommendamos que, caso queiram reformal-a, o façam em tempo para lhes não ser interrompida a remessa deste semanario.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO DE JANEIRO, 41 de Setembro de 1895.

A AMNISTIA

Não está tudo perdido. Ao grande acto politico da pacificação do Rio Grande do Sul, em que o illustre Presidente da Republica encontrou para auxiliar o nobre general Innocencio Galvão, respondeu o Senado com a lei da amnistia geral, que é o complemento obrigatório da convenção patriótica de 23 de Agosto. D'esta sorte um dos ramos do poder legislativo acudiu sollicito á indispensavel consolidação da paz, entendendo, e entendendo bem, em seu alto criterio, que era chegado o momento de abrir os braços aos Brasileiros e de convidá-los á collaboração pacifica e amistosa no seio da patria, á sombra da liberdade e da lei.

E' certo que ainda alli, no seio d'essa respeitavel corporação, surgiram desconfianças e rancores, gritos de odio velho que não cansa, manifestações de hostilidade franca aos militares, de cujo contacto com os seus camaradas fieis ao governo do marechal Floriano se temem attritos perigosos. Mas a palavra eloquente dos Srs. Ruy Barbosa e Gomes de Castro desfez esses temores vãos, sinão phantasiados. Ha nas proprias leis vigentes o meio de remediar taes inconvenientes, dado mesmo que elles fossem reaes, sem manchar a formosa lei da amnistia com uma restricção odiosa e funesta.

O Senado votou por grande maioria a lei benefica, e ellaahi vai caminho da Camara dos Srs. Deputados pedir a sancção dos immediatos representantes do povo.

A campanha dos devotos da guerra, que hoje não tem mais para onde appellar sinão para este ultimo reducto de negar aos militares os beneficios da amnistia, inutilizando d'esta sorte a lei e deixando no horizonte um ponto negro, d'onde possam vir tempestades, — a campanha dos devotos da guerra, pela maior parte oriunda dos amigos ursos do governador Julio de Castilhos, insinúa que a Camara não acceitará a amnistia ampla, que a deputação paulista quasi unanime não a quer sem restricções, que a Patria corre eminente perigo em uma palavra.

Até que ponto isso é verdade, difficil seria dizer com segurança.

Mas, assim como somos impiedosos, inexoraveis na condemnação do erro e de tudo quanto offende a justiça ou deslustra a civilização, — assim tambem somos sempre propensos a acreditar que os homens são menos maus do que parecem.

Por que razão de alta politica ha de a Ca-

mara rejeitar a amnistia geral, que lhe chega aureolada pela votação do Senado e pelas acclamações do povo? Se os militares forem collocados em disponibilidade ou no quatro extraordinario, e só entrarem em serviço quando o governo tiver reconhecido que d'ahi não provém mal algum para a harmonia das classes armadas ou para a ordem publica, onde o perigo?

Dir-se-ha que o governo vai chama-los antes de tempo? Mas isso seria negar aquillo mesmo que todos hoje proclamam, gregos e troyanos: a inteireza de caracter, a prudencia e o tino do Presidente da Republica. Ninguem tem mais interesse do que elle em não encontrar tropeços d'esta natureza na sua administração.

Será então o odio invencivel, implacavel contra irmãos? Mas não é crível que a grande maioria da Camara se deixe arrastar por esta paixão ignobil. Ella ha de ver que hoje, depois de suffocada a revolta ha mais de um anno e depois da deposição d'armas dos federalistas do Rio Grande do Sul a 23 de Agosto, não ha necessidade de outra cousa para voltarmos ao caminho da prosperidade, senão de completa paz. Ora, a recusa da amnistia geral manteria, senão accenderia ainda mais vivo o fogo das parcialidades que se bateram, o azedume dos espiritos em todo o Brazil cresceria com razão em vez de apagar-se, e a pacificação assignada em Pelotas não passaria de um engódo falsissimo, aos olhos da Nação.

E a Camara quererá arcar com a tremenda responsabilidade d'este resultado? Fôra um crime.

Quando o illustre presidente tudo fez para chegar-se ao ponto auspicioso em que nos achamos; quando um benemerito general não duvidou expôr-se a doestos e censuras para alcançar o maior bem da Patria; quando dignos senadores, que nunca pactuaram com a revolução, deram o bello exemplo de sopitar as suas queixas e acceitaram a amnistia; quando o povo ancia por este complemento da obra firmada pelo general Innocencio Galvão, é que a Camara—immediata representante do mesmo povo—a irá negar?

Não queremos crê-lo. Fôra um crime, repetimos.

ANGELO AGOSTINI

Seguiu hontem para a Europa, a bordo do paquete *Chili* o director do *D. Quixote*, Angelo Agostini. Nosso companheiro e amigo effectua esta viagem no intuito unico de adquirir material com que possa melhorar e aperfeiçoar esta folha, e de modo a corresponder com justiça ao assignado favor publico com que tem sido distinguido o *D. Quixote*. Será sua demora de dous mezes apenas; mais ainda assim, viajando, não só da travessia pelo oceano como dos pontos em que se encontrar do velho continente, enviar-nos-ha em quadros algumas das impressões recebidas pelos seus companheiros inseparaveis e que elle leva comsigo — D. Quixote e Sancho Pança.

Viagem feliz e regresso no prazo assignado—são nossos votos.

" RIO DE JANEIRO "

Mais um collega, é distincto.

Seu brilhante programma—esforçar-se pela verdade do systema republicano e pela estabilidade da federação—dá a justa medida da superioridade intellectual dos seus redactores, homens affeitos aos incruentatos combates da imprensa.

Ao director do *D. Quixote* coube a elevada honra de servir de padrinho ao novo collega: mais um titulo para justificar a sympathia com que recebe o gentil affilhado, para o qual deseja todas as venturas e prosperidades.

Ao Dr. Cavalcanti Mello, redactor-chefe, e a seus companheiros do *Rio de Janeiro* nossos affectuosos cumprimentos.

ATÉ QUANDO?

Não é debalde que se clama ha muito tempo contra a situação *miser e mesquinha*, em que ficou o estado de Santa Catharina depois da chamada restauração da legalidade em Maio de 1884. Disse-se com insistencia que o verdadeiro estado de sitio alli perdura.

Querem mais uma prova?

Um jornalista critica actos do governo ou cousa mais séria ainda, atira insinuações graves á administração do Estado. Em qualquer parte do mundo civilizado esse redactor é punido de accordo com as leis, se por ventura as transgrediu; mas em Santa Catharina, o jornalista é *esbordado*, e os esbirros do governador empastellam e destroem a typographia do jornal.

Póde alguém atrever-se a dizer que isto é o regimen da liberdade tão ardentemente sonhado pelos republicanos sinceros?

Infeliz estado! Não te bastaram as paginas luctuosas de 1894, em que teu nome ficou ligado á mais abjecta das selvagerias: espingardear prisioneiros sem forma de processo, na treva ignominiosa do segredo. Não te bastavam as lagrimas que choraste por tamanha deshonra. O chamado regimen da lei renova os escandalos do arbitrio e da violencia, amordaçando, vilipendiando a imprensa livre e independente, e ainda encontra um senador ousado que se incumbem de defendê-lo, sob pretexto de que em outros logares se tem feito a mesma cousa.

Ora, isto é inconcebivel, e se os graves senadores já não tivessem feito a devida justiça ao defensor do processo da bordocira, condemnando-o implicitamente com as risadas que o atiraram á valla commum, seria o caso de applicar-lhe o caustico.

Mas em summa, o facto escandaloso deu-se com o Dr. Honorio Cunha, redactor do *Correio da Manhã*. Isto não terá um termo?

RODOLPHO BERNARDELLI

Podem dizer que sou suspeito, quando fallo d'este grande artista, que considero o maior de toda a America.

Sim, suspeito me julgam, porque em geral entre nós, quando se é amigo de alguém entende-se dever elevar esse alguém ao setimo céu; e quando se é inimigo, atiral-o ao... decimo quarto inferno!

Eu sou amigo, com o que muito me honro, do Rodolpho Bernardelli e de seus irmãos Henrique e Felix; e se acho que esses tres irmãos são tres perolas é porque é a verdade e não porque sou amigo.

Nada conheço de mais sincero, de mais honesto, de mais leal, de mais trabalhador, de mais generoso e de mais artista do que elles.

Se até agora fiquei calado, é porque não tenho jeito para louvores e se o faço hoje é porque estou com o pé no estribo, ou antes, na lancha que me leva a bordo do *Chili*. Assim não verei as caras encalistradas do Rodolpho e do Henrique, e ficarei livre da descompostura que, com certeza, me passariam por ter dito o que penso.

E' que além de todas as qualidades que acima mencionei, ainda elles possuem a da modestia, o que é hoje bem raro. Um exemplo:

Por ocasião da inauguração da magnifica estatua do Osorio e apesar das instancias minhas e de alguns amigos de não deixar de comparecer á festa, só se ouvia dizer na archibancada depois de descoberta a estatua: « Onde está o Bernardelli? Queremos abraçal-o »; mas ninguém o viu.

Sabem, meus leitores, onde estava o grande sculptor, o autor de uma das mais bellas estatuas equestres do mundo? Na esquina da rua 7 de Setembro e do largo do Paço, por entre o Zé Povinho, não tendo outra preocupação senão em ver se a cortina que cobria o monumento cahiria bem.

E mais tarde quando lhe perguntei porque razão elle não foi....

— Pois não estive lá, representado pela propria estatua? respondeu elle.

O Dr. Araujo, da *Gazeta*, e o Dr. Brissay, são testemunhas do que acabo de contar.

Afinal, os amigos do grande artista encontraram-no na casa do André de Oliveira, um bom rapaz, a melhor droga da sua drogaria.

Entretanto eu vi, aqui no Rio de Janeiro, artistas grudarem-se diante de seus quadros dias inteiros para contemplarem sua obra e receberem elogios dos que iam mediante *quibus*, admirar as telas... ou as molduras.

Ultimamente, haverá apenas um mez, achava-me no atelier Bernardelli, e vi quantidade de barro atirado sobre umas taboas. Oito dias depois esse barro tinha a forma de uma mulher. No fim de quinze dias essa mulher era uma india afogada, arremçada á praia e meia encoberta pelas aguas do mar.

O trabalho estava prompto. Bernardelli fez em dias o que outros artistas de grande nomeada fazem em mezes e em annos.

Não fallo na execução; limito-me a tirar o chapéo e declaro bem alto que quando um artista como o Rodolpho Bernardelli expõe um trabalho seu em publico, é porque elle tem certeza de que a sua obra exprime, não só o seu pensamento, mas também uma execução conscienciosa e perfeita, devida a um talento excepcional e a um amor á arte como poucos tem.

Fazer um corpo humano, meio mergulhado n'agua é de uma audacia que só quem tem consciencia da sua força pôde executar em esculptura.

O gesso porém, é uma materia opaca que não se presta ao effeito; no marmore, é que Bernardelli conta obter a transparencia e o movimento da agua que, no gesso, apenas indicou.

A Moema, é o nome de mais essa obra prima que produziu aquelle gigante, o maior vulto artistico brasileiro.

A. AGOSTINI.

A CRITICA

Um conselho de amigo aos Srs. criticos e principalmente aos Cosmes.

Por mais talento e illustração que tenha um escriptor, nunca este pôde ser bom critico, sobretudo de bellas-artes, quando em primeiro lugar lhe faltam os conhecimentos necessarios para tratar do assumpto, e o sentimento natural que tem todo individuo, embora não critico, diante do que é bello.

Quando, a estes requisitos, se junta a falta de bom senso e de patriotismo, em querer amesquinhar, não só as nossas melhores obras artisticas, como também o talento e o caracter de quem os executa, vê-se que a penna do critico, embora bem aparada, não é guiada senão pela raiva e o despeito—duas cousas feias que, não sendo baseadas em cousa alguma que as motive, dão em resultado o profundo desprezo pela critica e desconsideração pelo escriptor.

Eis o que tem ganhado o Sr. «Cosme Peixoto» como critico de arte.

O publico deve convencer-se de que perante um vulto como Rodolpho Bernardelli, o seu detractor, o famoso critico... «Cosme Peixoto» ou «Cosme de Moraes» (respeito sempre o anonymo) não passa de um pygmeu perante a historia.

O glorioso nome do artista ahi fica, e para muitos seculos, gravado no marmore e no bronze. Todos fallarão d'elle como fallamos hoje de Phidias, Praxiteles e Miguel Angelo; ninguém se lembrará do cidadão, embora illustrado, que assigna as suas criticas com pseudonymo.

E o unico lampejo de juizo que o... Cosme tem tido é não pôr o seu verdadeiro nome por baixo dos seus aggressivos artigos.

E como também por minha parte tenho esse nome em consideração—menos em questão de arte—não o ponho aqui para que elle não fique desconsiderado.

Estou até convencido de que chegará um dia, em que o proprio Cosme dirá, ao vêr as obras de Bernardelli: *Chapeau bas*.

Não é só na politica que ha jacobinos, em arte também os ha. Estes formam um grupo a parte e não concorrem com os seus trabalhos ás exposições annuaes da nossa Escola de Bellas-Artes.

A maior parte d'elles, segundo me consta, são positivistas.

Até nisso se metteu essa peste!

O que é porém positivo, é que elles nada fazem, que se veja.

Engano-me: fizeram um annuncio para uma exposição de seus trabalhos, que devia ter lugar em Maio d'este anno!

Não censuro ter esse grupo de artistas separado da Escola Nacional. A arte é livre e pôde manifestar-se como e onde quizer. Mas quando?

Será em Maio do proximo anno?

Deus o queira, e cá estamos para recebela com o maior prazer.

Pedimos, até, ao Cosme, que me dizem ser o chefe dos jacobinos-artistas, que os anime a não faltar.

A. A.

NOSSO SALON

Como fôra annunciado, abriu-se a exposição artistica da nossa Escola Nacional de Bellas-Artes no dia 1.º de Setembro.

A chuva, que desde pela manhã cahiu sem cessar durante o dia inteiro, não dava esperanza de ter a exposição um grande numero de visitantes.

Ainda assim, muitos dos verdadeiros amadores compareceram a esta festa artistica, notando-se entre elles, o Sr. Barão de Quartim, a quem louvamos pela sua protecção á arte e aos artistas a quem anima, comprando-lhes seus trabalhos.

O que porém causou maior admiração, em vista do mau tempo, foi a chegada do Presidente da Republica, ao meio-dia em ponto, acompanhado do seu secretario Dr. Rodrigo Octavio e alguns distinctos militares.

O Chefe do Estado quiz mostrar que elle não prescindia de honrar com a sua presença uma das nossas melhores manifestações do progresso nacional, a arte.

Por meio d'ella é que se conhece o grão de adiantamento dos povos, tanto no presente como no passado. Por isso, hoje, contemplamos admirados os bellos monumentos e primorosas estatuas que nos legou a Grecia, e cuja execução data de muitos seculos antes da era christã.

Tambem compareceram os ministros Gonçalves Ferreira, Antonio Olyntho e Elisiario Barbosa, o presidente do Senado, Dr. Manoel Victorino e o da Camara, Dr. Arthur Rios.

O professor Rodolpho Bernardelli, director da Escola, acompanhou, em toda a sua visita o Dr. Prudente de Moraes, que examinou com attenção todos os quadros da secção de pintura e outros trabalhos, notando, com justiça, os que lhe pareciam melhores.

Esta visita, que durou perto de 3 horas, é o melhor indicio da alta consideração que deram á arte e portanto á sua prosperidade, o Sr. Presidente da Republica, o seu governo e o Congresso, representado pelos seus dignos presidentes.

A estes illustres brasileiros nossas sinceras felicitações e ao digno director da Escola das Bellas-Artes os nossos parabens.

RABISCOS

Ha momentos na vida do homem que...

E por isso, sexta-feira, dia de preceito e vespera de sabbado, encontrei-me repentinamente sorumbatico e atacado de invencivel spleen. Caminhava a esmo por essas ruas de Christo; tudo em volta, affigurava-se-me triste, merencorio; um tedio enorme invadia-me a alma; e assaltava-me o espirito a idéa de um suicidio *sui generis*, que dêsse que fallar ao mundo, fizesse gemerem os prélos, revolucionasse a humanidade.

Cheguei até o cumulo de pensar em traduzir o espirito do Sr. Glycerio e comprehender qual a sua opinião, ao certo, sobre a paz no sul... novo genero de suicidio lento mas efficaç, indolor porem irremediavel.

Nesse estado de semi-desesperação, fui por ahi alem, caminhando ao acaso, dirigindo-me não sei para onde; e quando dei accordo de minha importante pessoa, achava-me onde? na casa onde funcioam de senadores os Srs. João Cordeiro e Abreu Gordo; e nobremente

repimpado em um banco das galerias, alli encontrei-me, sem saber como, fixando insistentemente a figura do Sr. Vicente Machado, do Paraná e do kilometro.

Estava eu, pois, no senado; e era uma sexta-feira, dia aziago.

Mal comparando, aquelle é de nossos theatros, o mais commodo. Em preço, sobretudo; não se paga nada á entrada, e menos ainda paga-se á sahida. De resto, os espectaculos effectuam-se á luz do sol; e quem não tem em dia a escripturação do seu somno, pôde regularisal-a á noite, revivendo os periodos flammejantes do verbo inflammado do supracitado senador Vicente ou recordando os trôpos de linguagem e as pompas de rhetorica finamente castillista do Sr. Ramiro Barcellos.

Pois, meus senhores! Uma vez alli instalado, senti dissipar-se immediatamente o meu profundo tedio; a minha alma debruçou-se á janella que dá para os horisontes azues do riso e da ventura; e, palavra de rabiscador, julguei-me um homem feliz, que tirou o premio n'um bilhete de bichos em que era ganhante o burro!

Porque, não sei se sabem, é este illustre animal aquelle que, consoante á trova conhecida

«Se fores ao mar pescar
«E a fortuna te não deixe...

dá melhores premios—quando os dá, e isso segundo a affirmação auctorizada de um meu amigo, Oscar de nome.

Imagine o meu numero de leitor que uma verdadeira surpresa estava reservada aos frequentadores das galerias do theatrinho da rua do Areal, *quorum exiguum pars eram*: subia á tribuna um distincto representante do Paraná. Fallava o Sr. Esteves Junior!

Por mais inverosimil que pareça ser esta narração, o facto evidente e indiscutivel é que o senador da terra do matte pronunciou um discurso, e o que mais é, conseguiu aquillo que em gyria de estudante se chama um *britharetur*.

Estupendo! Simplesmente phantastico!

E era sexta-feira!

Não se pense que eu ponha em duvida a rasgada e captivante rhetorica parlamentar do Sr. Junior... E' que S. Ex., avaro dos seus thesouros de eloquencia, ou eivado de uma modestia irreprimivel, esquivava-se tanto da tribuna, que a muita gente era permitido suppôr que S. Ex. fazia uma concurrencia desleal ao peixe, de que é tão fertil sua terra natal—no mutismo.

D'ahi a surpresa, a estupefacção geral, no recinto e nas galerias, quando esse illustre avô da patria, rompendo o silencio que é o apanagio da representação catharinense n'aquella casa, pediu a palavra, obteve-a, levantou-se, concertou a garganta, pôz fóra o pigarro e... e fallou!

De sorte que já não tem razão de ser a crença em que todos nos achavamos, de que Santa Catharina havia despachado por engano os Srs. Horn, Richard e o sobredito Sr. Junior para o casarão da rua do Areal, quando o ponto de destino que lhes era assignado parecia ser o humanitario Instituto dos Surdos Mudos...

Ah! que não me seja dado transcrever para aqui, como um enfeite de primeira ordem n'estas desornadas columnas, a peça de eloquencia do Sr. Esteves, emittida n'aquella para sempre memoravel sexta-feira, e do alto da tribuna do senado!

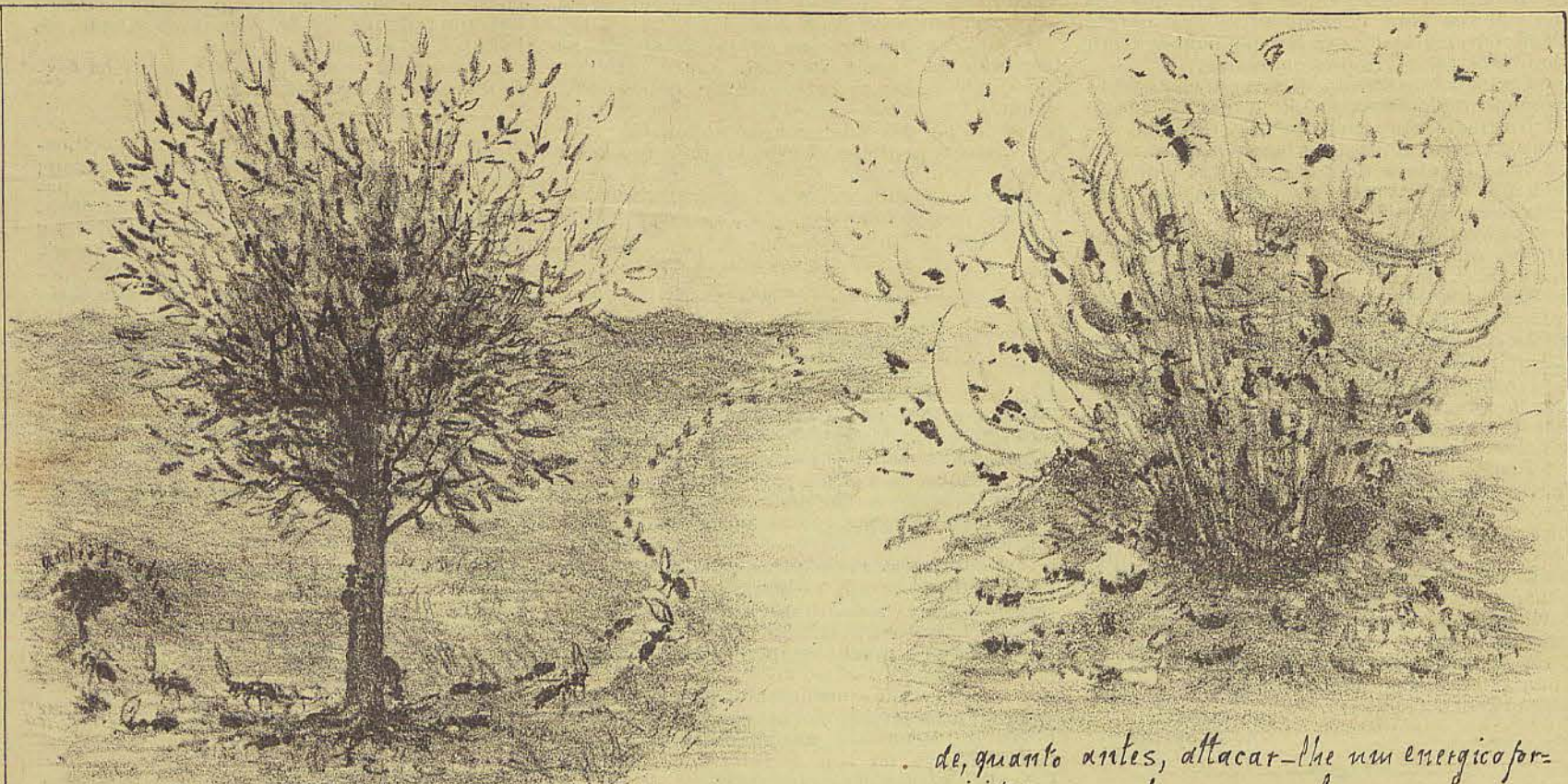
No genero humoristico, nada de mais suggestivo e mais encantador! E depois, que agudeza de conceitos, quanta elevação de idéas, que primor de linguagem douradamente lavrada...

Manes de Cicero! Cinzas de Demosthenes! Tradições de Castellar! Tudo, tudo *enfonce!*

E eu sem poder transplantar para o *D. Quixote* todo aquelle raptio de eloquencia, cathicismo de oratoria, arroubo de verbiagem parlamentar!

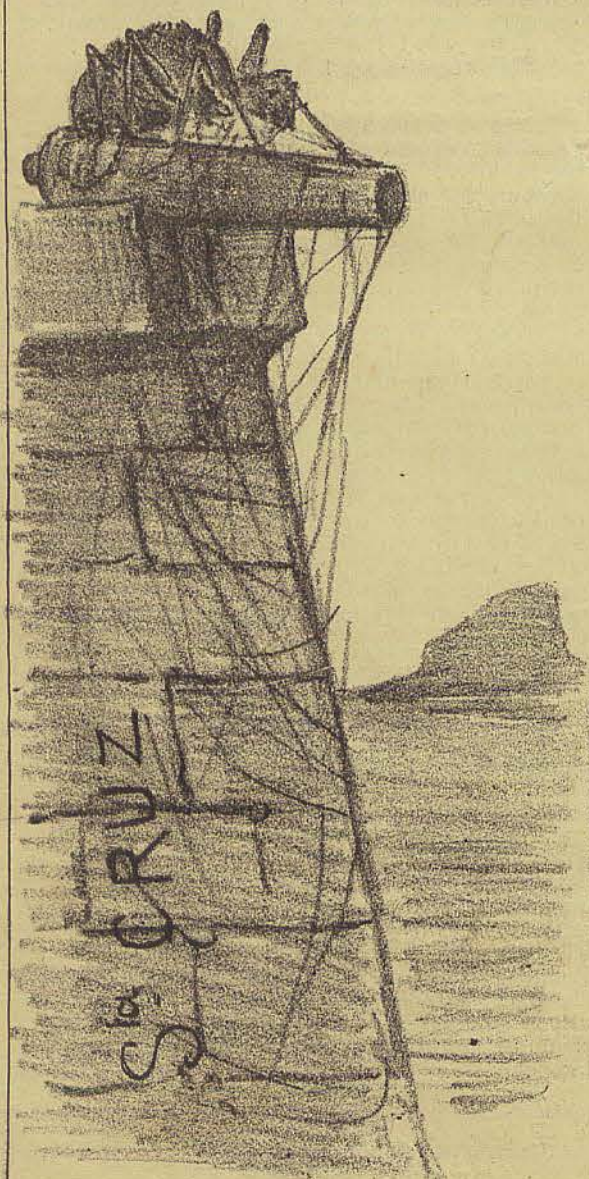
E' mesmo para lamentar!

Para, entretantanto, repartir com o meu



Mal plantou-se a arvore da paz, que
 vorazes formigas pretendem destruir-a. Pela
 direcção que tomou esses bichos daninhos, uns
 para o Sul, outros para outros facobinos re-se a
 necessidade

de, quanto antes, atacar-lhe um energico for-
 micida, que as faça voar pelos ares.



Boatos terrivivis, á ultima hora: a
 prisão do presidente da Republica no
 lazareto, e a aranha da conspiração a
 cavallo em S^{ta} Cruz, disposta a não o
 deixar passar caso ainda não viesse
 preso.

Mas felizmente dissiparam-se taes boatos, subsistindo apenas
 o que se refere a dois generaes que, contrarios á amnistia am-
 pla, já estão preparados para irem em pessoa dirigir a
 guerra nos campos do Sul. Caranba!



Resultado da falta de pagamento, da
intendencia a um pobre empregado, e d'este ao
proprietario: no olho da rua.

Acerca de limpeza...



a: mais perfeita - ou pre-
feita é a dos cofres da intendencia.

Precações necessarias aos viajantes da E. F.
Central dos choques do Brazil.



O Sr. presidente da Republica e comitiva já lucrarão com a viagem a Ilha gran-
de: pelo menos trazem os estomagos limpos.

numeroso leitor um pouco do grande gaudío que tive ouvindo tão extraordinario discurso, vou collocar-lhe sob os olhos anciosos e risidentes, alguns pedacinhos de ouro que peço venia ao nosso venerando decano, o *Jornal do Commercio*, para destacar do seu bem elaborado extracto d'aquella brilhantissima oração:

Trata-se do caso de Santa Catharina, em que foi victima o redactor de um jornal e aggressor o proprio governador do Estado, o Dr. Hercilio Luz... Opiniões e conceitos do Sr. Esteves, a esse respeito:

«... O Sr. Luz é tão pacato e imbelles que não tem coragem de atacar uma pulga...»

«...o diabo não é tão feio como o pintam...»

«... quando o patriotismo lhes quer mostrar (aos federalistas) de que páo é a canoa...»

«... esse Dr. Cunha é que se mettem em camisa de onze varas...»

«... para que veio então bolir com Florianópolis que vai marchando quieta em seu cantinho?...»

«... faça então que o governador devia ingenuamente deixar fazer carreira uma folha embaçadamente maragata?...»

etc. etc. etc.

Depois d'isto só me resta defender as sexfeiras da pecha de dia aziago que calumniosamente lhes emprestem, pois aquelle dia era sexta-feira e foi o mais alegre, o mais venturoso de toda a minha existencia, por ouvir o notavel orador cuja facundia teve a força de espancar o tedio, em que vinha immerso o meu espirito.

E agora um pequeno e simples requerimento ao digno presidente do senado:

Sr. Dr. Manoel Victorino: V. Ex. não podia dar-nos diariamente um pouco, um pouquinho só, do Sr. Esteves Junior — para distrahir-nos?

LEO.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

TONY A LÉO

— Tens lido noticias França Madagascar?

LÉO A TONY

— Tenho lido francezes mandam cascar nos Hovas.

TONY A LÉO

— Explica razão França não gosta Hovas?

LÉO A TONY

— E' rainha Hovas que insurge contra França; por isso francez guerra Hovas rainha.

TONY A LÉO

— Peço rectificação: hovas rainha ou ovas tainha?

LÉO A TONY

— Tu muito estúpido: parece leste hontem discurso Vituca Guerreiro Monteiro.

O estacionario,

ORÓ WESTERN.

CATHOLICISMO, POSITIVISMO E ESPIRITISMO

O diabo leve o positivismo e os positivistas!

Esta historia de querer impingir-nos uma nova religião, e que religião! como se não fosse bastante a que temos, é um despropósito que só espiritos doentios e imbecis podem aceitar.

Acostumamos-nos, de ha muitos seculos, com a religião catholica que hoje, seja dito em honra do clero, mais tolerante do que outr'ora, não nos incommoda.

Os padres são bons rapazes e já não nos ameaçam com as penas do inferno ou do purgatorio, por não irmos á missa ou á confissão.

Pelo lado espirital, portanto, todos andamos satisfeitos.

Os reverendos fazem o seu negocio, que nada perdeu com a separação da Igreja do Estado e nós tratamos do nosso, meio material, é verdade, mas absolutamente necessario para as necessidades da vida, que não são poucas!

A gente, afinal de contas, não vive de rezas.

Mas na hora da morte...

Ora, na hora da morte eu mando chamar o Reverendo Scaligero Maravaglio que, alem de ser um bom padre é um excellente collega e vou, estou convencido, direito como um fuso para o Paraiso.

E se assim não o fosse, seria uma injustiça.

Todos sabem os bons serviços que prestou o «Apostolo» á causa da humanidade, ultrajada por esses monstros da tal *legalidade*, fustigando-os com a maior energia e sendo o primeiro a romper o fogo contra os autores de tantos crimes.

Nunca o *clama itaque, clama ne cesses* foi tão bem applicado! Clamou deveras, o collega.

Pelo nosso lado, e com o mesmo sentimento patriótico adoptamos igual divisa:

Pancadaria itaque, pancadaria ne cesses.

E demos muita pancada!

E o «Apostolo» abraçou o «Don Quixote».

Isto lembrou-me as cruzadas em que padres e cavalleiros fidalgos abraçavam-se e combatiam pela santa causa.

O caminho do patriotismo abriu-nos o caminho de Céu, diz Sancho Pança.

Amen, digo eu, contando obter do padre Maravaglio o melhor dos passaportes para lá poder entrar.

Desejo, porém, embora não agrade ao collega, que seja o mais tarde possivel.

Estando pois perfeitamente tranquillo sobre o futuro da minha alma e comprehendendo que assim como eu, tambem devem estar tranquilos todos os bons patriotas e homens sérios a que vem a tal religião positivista fazer entre nós onde não é chamada?

Eu lhes digo:

Dar uma falsa noção de tudo quanto é humano e natural; estabelecer leis anti-sociaes e contrarias aos nossos costumes e até ao bom senso; perturbar completamente o espirito de alguns e mesmo de muitos imbecis, pois que o numero destes tem augmentado de um modo pavoroso, desde que, em má hora, o tal positivismo veio importado da Europa por dois moços, embora illustrados mas de miolo molle, um dos quaes, o de melhor estampa, tomou o titulo de Papa e o outro pequeninosinho e rachitico de... bispo, creio eu.

A principio, ligou-se pouca importancia a esses dois jovens apóstolos, mas...

Mas, infelizmente, a precocidade intellectual da nossa mocidade por demais se parece com a fertilidade extraordinaria do nosso solo.

Se empregamos grandes esforços, na lavoura, em livrar as plantas productoras, como o café e outras das máservas que as rodeiam, por meio de repetidas capinagens, o mesmo trabalho devemos ter em relação a tal religião positivista, verdadeira tiririca, que estraga esta mocidade, sobre quem fundamos as nossas esperanças de um melhor futuro.

Se o tal positivismo não produzisse senão uma loucura inoffensiva e em nada incommodasse a nossa vida social e politica, limitarmos-nos a lastimar os infelizes contaminados dessa molestia.

Mas é que o negocio é outro. A politica mettem-se no positivismo ou este n'aquella, e o resultado foi estragar completamente o senso moral e a verdadeira noção do que é dignidade e amor á patria.

A especulação politica é que devemos esse bello resultado! Ella encontrou, nos positivistas, um excelente exercito de engrossadores a quem fez acreditar que o verdadeiro patriotismo não pôde existir sem a desordem e o derramamento de sangue!

A tiririca cresceu e até demais!

Parece-me pois, que uma boa capinagem é necessaria.

Uma vez depostas as armas no Rio Grande do Sul, uma vez feita a paz, que só será duradoura se reformarem a tal constituição positivista do Sr. Castilhos, é preciso que do Norte a Sul, todos peguem na enxada e se deem ao trabalho de capinar o tal patriotismo que tanto estrago já causou ao caracter da familia brasileira.

Quanto ao *Espiritismo*...

Outra loucura que se não abrirem os olhos, obrigará o governo a augmentar o hospicio dos alienados de vinte vezes o seu tamanho.

Em muitas occasiões fui convidado para as-

sistir a sessões de espiritismo, mas nunca lá puz os pés e por muitas razões.

Uma dellas, é que, a maior parte das vezes, foi o Torterolli que me convidou. Não conhecem o Torterolli? Devem conhecê-lo.

Não ha reuniões, nem festas, nem inaugurações, onde elle não appareça logo que ha boa mesa. E tambem não ha nada que não desapareça das iguarias e petiscos que se acham em redor delle até 5 metros de distancia.

Para um espirita, realmente, tem um bom estomago. O espirito de Lucullus deve ter sua séde na pança deste moderno Gargantua.

O ultimo lunch que elle devorou, á minha vista, foi o do collega e afilhado *Rio de Janeiro*, no dia da inauguração.

Fiquei, ou antes, ficámos todos espantados! Isto é quanto ao estomago; quanto ao physico e quanto á cara!...

Eis a minha ultima conversa com o grande propagandista do espiritismo e engulidor de pastéis de Santa Clara:

— Venha, ao menos uma vez assistir ás nossas sessões!

— Tenho mais que fazer do que estar a perder tempo em borracheiras destas. Eu não acredito que você, como diz, tenha o poder de invocar espiritos e que estes lhe appareçam.

— Mas porque?

— Porque! Porque basta elles olharem para a sua cara e para o seu todo para fugirem espavoridos!

Torterolli não pestanejou. Pelo contrario: abrindo a bocca até as orelhas no mais... torterolico dos sorrisos, que eu aguentei sem fugir, elle respondeu:

— Você é dos diabos!

A.

BRINDE NACIONAL

«A commissão abaixo assignada, tendo expedido pelo telegrapho a circular infra publicada, com endereço a cada um dos dignos e honrados Srs. Governadores e Presidentes dos Estados da União, pede a toda imprensa d'esses mesmos Estados a valiosa fineza de transcrevel-a em suas columnas, assim coadjuvando aquelles illustres cidadãos no conseguimento do apoio que por esse instrumento lhes foi solicitado por esta commissão.

Tratando-se de uma homenagem justa por todos os titulos, da qual não irradiam-se outros sentimentos que não sejam os do alevantado e desinteressado patriotismo, a commissão dirige este appello a toda a imprensa, a todos os órgãos da opinião publica, porque acha-se convencida que em relação á Paz, e consequentemente em relação ao congraçamento da Familia Brasileira, não podem existir idéas divergentes, sejam quaes forem os matizes e credos politicos de cada um, e, sendo o assignalamento desse feito altamente benefico o exclusivo objectivo d'este appello, nenhuma excepção se faz permitida perante o conceito da commissão.

Agradecendo antecipadamente, e em nome da Patria, todo o apoio com que a commissão fór honrada, esta faz publicar a mencionada circular:

«Rio de Janeiro, Agosto de 1895.—Cidadão governador do Estado de...»

Tendo os abaixo assignados acceitado o honroso encargo de promover em toda a Republica uma demonstração que symbolise a gratidão nacional pelo relevantissimo serviço prestado á nossa patria pelo seu benemerito presidente Dr. Prudente José de Moraes e Barros, levando a effeito a paz e o congraçamento da familia brasileira, por tanto tempo enlutada com a guerra civil no glorioso Estado do Rio Grande do Sul, cabe-nos a satisfação de vir á vossa presença solicitar o concurso de vosso alevantado prestigio junto ao patriotico povo d'esse Estado, afim de que, nomeando n'essa cidade e no interior commissões parciaes, estas promovam a subscrição publica, tendente a auxiliar-nos com a quantia que dictar o seu patriotismo, e com tal elemento operarmos a acquisição de um brinde nacional, que perpetue a lembrança de tão assignalado serviço.

E' nosso intuito adquirir por este meio um predio que lembre amanhã ao cidadão Dr.

Prudente de Moraes, em modesto retiro, a obra ingente elaborada no palacio Itamaraty, na auspiciosa data de 23 de agosto de 1895, parecendo-nos justo dar à subscrição publica a maior latitude possível para que de sua grandeza moral resulte a solemnidade consentanea com o acto a commemorar.

Contando que a nossa idéa merecerá vosso pleno apoio e dedicado concurso, desde já nos confessamos agradecidos e nos assignamos.

Vossos concidadãos e admiradores. — A commissão: Marechal J. de Almeida Barreto, presidente. — Dr. Serzedello Corrêa, 1º vice-presidente. — Dr. Xavier da Silveira Junior, 2º vice-presidente. — Carlos Leite Ribeiro, tsecretario. — Capitão de fragata Joaquim Raymundo de Lamare, thesoureiro. — Camara Syndical dos Corretores, por seu syndico. — Antonio Pereira Leitão. — José do Patrocinio. — Dr. Fernando Mendes de Almeida.

A CIGARRA

O brilhante confrã le apresenta-nos em sua primeira pagina (do n. 48, publicado quinta-feira ultima) o seu novo director, o distincto jornalista José Barbosa, que vem ser mais um elemento de successo para o collega.

Nas outras paginas o lapis primoroso de Julião consorcia-se à penna esfusante do grande phantasia Olavo Bilac, resultando d'ahi mais um brilhante numero do nosso collega e visinho.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO « D. QUIXOTE »)

TONY A LÉO

Ouviste fallar Esteves Junior fez discurso Senado?

LÉO A TONY

— Ouvi, fiquei surprehendido; pensava era mudo nascença.

TONY A LÉO

— Dizem successo oratoria extraordinario. Leste?

LÉO A TONY

— Li cabo rabo, sei pedaços de cõr salteado.

TONY A LÉO

— E concluíste?

LÉO A TONY

— Que senador Esteves Paraná está estudando portuguez grammatica Alfredo Gomes.

TONY A LÉO

— Vou contar Cosme Laet Moraes tu abusando propriedade exclusiva sua.

LÉO A TONY

— Intrigante!

TONY A LÉO

— Quem? Esteves?

LÉO A TONY

— Não! Tu mesmo!

O estacionario,
ORÓ WESTERN.

THEATROS

Vai mal, muito encaiporada a epocha para as empresas theatraes da terra:

A actriz Ismenia, causada de esperar pelo publico ingrato, deu folga à sua companhia e passou a outras mãos a chave do Variedades. Nem os tiros do *Aquidaban* puderam salva-la!

Dias Braga, que ao fundo da rua do Espirito Santo, imperava desde ha muitos annos com uma companhia dramatica regular, tambem sentiu-se fatigado de esperar pelo publico rebelde... e passou as chaves da casa a outrem.

Aliás o publico lá tinha suas razões para andar amuado com o Dias: os *Castellos do*

Diabo, Montes Christos e quejandas velharias não podiam mais attrahir interesse às representações do antigo Recreio.

A companhia da actriz Pepa, apezar dos 18 papeis d'esta actriz e do seu exercito de admiradores, tambem degingolou, fechando-se as portas do Eden-Lavradio.

Pouco antes havia cessado de funcionar a associação que reabriu a Phenix Dramatica, antiga, Theatro Nacional, placa, dispersando-se a *troupe* para augmentar o numero dos artistas desoccupados.

Quer dizer: vai mal, muito encaiporada a epocha para as empresas theatraes da terra!

E' que com as estrangeiras não se dá o mesmo. Antes pelo contrario, navegam em mar de rosas.

As duas companhias portuguezas só encontram um concorrente serio: Frank Brown, que todas as noites inunda de agua o S. Pedro de Alcantara, e de notas do banco as vastas algebeiras da sua vestimenta de clown.

Uma no Apollo, outra no Recreio, vão ambas recolhendo as *louras* — tanto como os louros — tão esquivas e arredias das pobres companhias indigenas.

A *troupe* do Apollo, essa ainda tem variado algum tanto seus espectaculos, com as peças desopilantes de Ed. Schwalback; a do Souza Bastos, porém, dá-nos em um dia *Sal e pimenta* e no outro *Pimenta e sal...* tudo para variar.

No lyrico, uma companhia dramatica italiana, composta de elementos bastante apreciaveis e possuindo uma primeira actriz de grande merito, tem passado a semana inteira a representar o *Othelo*, a *Dama das Camélias*, a *Messalina*, para as cadeiras vasiaas e para os camarotes desertos.

Uma solidão contrastadora, profunda, tris-tissima, em toda a vasta sala do theatro do Sr. Bartholomeu!

De onde provém essa falta de sorte? Ouvi dizer algures, por um individuo que lê nas linhas do incognoscido e pratica o espiritismo, que o caiporismo decorre do nome da primeira actriz da companhia Modena...

Para elle, esse nome é de especial embirra; e então elle conclue:

— Se eu fosse actriz e me chamasse Tiozzo, mettia-me freira... ou fazia-me tachigrapho dos discursos do deputado Luiz de Andrade!

Em todo caso, com mais alguns dias de paciencia e de espera, a companhia italiana terá occasião de ver o theatro lyrico completamente cheio e as suas representações fartamente concorridas.

E' que depois de Shakespeare, de Pietro Cossa, de Dumas filho, de Sardou e de outros auctores de mediocre importancia, a empresa teve a feliz ideia de emendar a mão e enriquecer o seu repertorio... com a *Dansa serpentina!*

E porque não a *Dansa do Ventre?*

Olhem que esta idéa de *Othelo* com *Dansa serpentina* é de fazer exclamar como o *José do Capote*: o profano enrodilhado com o sagrado! Mas que se lhe ha de fazer? O publico assim o quer — que assim o tenha.

Dois novidades: a actriz Emilia Adelaide, fatigada de estar fóra do theatro ha uns bons pares de annos, montou companhia e apossou-se do theatrinho Variedades, onde estreou com o drama a *Padeira*.

Já é coragem! Nos tempos que correm, e com o Frank Brown pela frente com os seus concomittantes 80.000 litros de agua, a resolução da propecta actriz tem algo de sinistro e faz-se suspeita, como se ella — ella, a actriz e não a resolução — tomasse uma barca Ferry e deixasse na ponte a *manetelette* e mais umas linhas a lapis, recommendando que a ninguem fosse attribuida a causa de sua morte, se não ao mar... Cheira a suicidio, a duas leguas de distancia!

E é por isso mesmo, por admirar tão grande rasgo de heroismo, tanto arrojo, tanta coragem e tanta serenidade, da parte d'uma senhora, que d'aqui d'estas estreitas columnas

lhe desejo os maiores favores da sorte, e que a sua *Padeira* dê-lhe pão para largos dias. Merece-o.

Ia-me esquecendo a outra novidade. E olhem que perdiam, se a lhes não desse eu. E' sómente isto:

Como maior successo theatral da epocha, representou-se no theatro Lucinda d'esta capital, e no dia 7 de Setembro d'este anno da graça em que vamos caminhando para 1896, o importante e novissimo drama intitulado

A MORGADINHA DE VAL-FLOR.

E para maior attractivo e para acrescer-lhe o valor como novidade, encarregou-se de interpretar a parte de protagonista, pela primeira vez, a distincta e preclara actriz Ismenia dos Santos.

O meu amavel leitor — não terei um, pelo menos? — que não desmaie nem vá enlouquecer de surpresa e de espanto. Ha cousas por esse mundo fóra, mais exquisitas e mais atterradoras.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Temos recebido, e agradecemos:

Brazões, versos do estimado poeta B. Lopes, um artista singularissimo e finamente exquisito. Fallaremos algo a respeito, em nosso proximo numero.

Relatorio apresentado à Companhia de Viação Ferrea e Fluvial do Tocantins e Araguaya, pelo seu presidente, Sr. Guilherme de Meirelles Vianna.

José Basilio da Gama, commemoração do *Journal do Commercio* em honra do centenario do immortal poeta do Uruguay. Foi escripta pelo Sr. Felix Ferreira.

Archivo do Districto Federal, numero 9, correspondente ao corrente mez de Setembro, interessante publicação do paciente esmerilhador de bibliothecas, Dr. Mello Moraes Filho.

Quarto livro de leitura para uso das escolas brazileiras, composto pelo finado barão de Macahubas com a collaboração de seu digno filho, o Dr. Joaquim Abilio Borges. Edição luxuosa feita em Bruxellas.

Urugay-Brasil, numero especial da Illustração Sul-Americana, dedicado pela commissão militar brasileira à commissão militar do Uruguay. E' uma traducção para o castelhano feita pelo distincto jornalista Cassio Farinha, que, radicado na Republica Oriental e conhecendo bem aquelle idioma, foi pelo presidente Idiarte Borda encarregado de realisar tal trabalho, e como acto de galantaria e agradecimento ao governo do Brazil.

Favorito, tango por Ernesto Nazareth, que o dedicou à Exma. Sra. D. Marietta Nazareth; *In Dubbio* (Em duvida) walsa de J. G. Christo; — ambas as composições impressas na casa dos editores Vieira Machado & C.

O Nicromante, anno 1º n. 1, jornal que compra-se mas não se vende, — o que já é um programma curto porém bom. Traz nas paginas centraes um quadro allegorico à celebração da paz no sul. Saudamol-o e lhe desejamos aquellas cousas do costume.

Planta Geral da nova capital de Minas, executada pela commissão constructora, sob a direcção do Dr. Aarão Reis. Bello trabalho, que obedecendo às leis e preceitos que regem as modernas construcções, com as suas ruas diagonaes, excellente e adequada assignalação para o hyppodromo, para o cemiterio, etc., dá a justa medida da competencia de quem o executou.

Tambem recebemos:

Uma caixa de superior agua mineral *Johannis*, enviada pela casa da Viuva Wenceslão Guimarães & C. Já se percebe que essas garrafas não foram destinadas à nossa estante; e no momento que é, e com o destino que lhes demos, já nos sentimos quasi curados de uma dyspepsia traigoeira que nos affligia.

Varios convites para bailes, entre outros, o do Gremio Mozart, que esteve magnifico, e o do High-Life Club, de que nos deram as mais lisongueiras noticias, os que puderam lá ir e não estiveram impedidos — como nós.



Aos poderes publicos e á imprensa, honra pela animação a arte.
"Aos artistas expositores - um bravo!"